

MAIS PRECONCEITO

*** Roberto Rodrigues**

A agropecuária brasileira tem recebido seguidas agressões injustas, embora seja extremamente competitiva e venha dando inequívocas demonstrações disto.

No ano passado, respondeu por 36% das exportações totais brasileiras, e o saldo comercial do agronegócio, de 60 bilhões de dólares, foi mais que o dobro do saldo comercial total do país, de 24,8 bilhões.

Nos primeiros 7 meses deste ano, com crise e tudo, e embora os preços de quase todas as commodities agrícolas tenham caído em relação ao mesmo período do ano passado, o agronegócio exportou 45% de tudo o que o Brasil mandou para fora, bem mais que em 2008!

Aliás, é bom lembrar que, em 1998, o agronegócio exportou 21,5 bilhões de dólares, e no ano passado, o valor chegou a 71,8 bi.

O mercado interno tem sido abastecido com alimentos, fibras e energia da melhor qualidade e a preços compatíveis. Expandiu-se a produção de frutas, de flores e de orgânicos. Os agricultores enfrentaram as crises todas com respostas progressistas e baseadas em tecnologia preservacionista e gestão de qualidade. Sustentabilidade é hoje um tema importante em todas as modernas fazendas brasileiras, bem como nas cooperativas agropecuárias, nos sindicatos e sociedades rurais.

Portanto, os produtores brasileiros têm alimentado e vestido seus concidadãos e produzem um saldo comercial salvador de nossa balança externa. E, produzindo etanol que emite só 11% do CO₂ emitido pela gasolina, ainda têm contribuído eficientemente para a redução do aquecimento global.

Mesmo assim, não existe um reconhecimento por estes resultados. Na revista *Veja* desta semana, James “Jim” Rogers, mega investidor norte-americano, informa que os agricultores do mundo todo serão os grandes responsáveis pelo progresso futuro, e deterão parte significativa da renda global. Os países desenvolvidos sabem disso e apóiam com pesados subsídios aos seus produtores. Tanto é que a Rodada de Doha da OMC, cujo objetivo é abrir o comércio mundial agrícola, não avança por causa da proteção dos países ricos à sua agropecuária

E aqui? Só pancadaria: não se resolve a questão do endividamento passado, causado por questões macroeconômicas; o seguro rural continua sem o Fundo de Catástrofe, o que o limita totalmente; falta uma estratégia articulada do governo para resolver as questões da logística, infraestrutura, agregação de valor, promoção comercial, etc. Mas dois temas são agora muito relevantes: o ambiental e o fundiário.

Na área ambiental, é preciso resolver de vez a questão do Código Florestal e do Código Ambiental, com participação dos agricultores. Hoje, a eles só se imputa o ônus deste processo que interessa à toda a sociedade. E na área fundiária, volta à baila o tema dos índices de produtividade, assunto anacrônico, do século passado. Alguém do governo quer arbitrar a

produtividade dos agricultores e pecuaristas: a fazenda que produzir abaixo deste número arbitrado pode ser desapropriada para fins de Reforma Agrária.

Só na agricultura! Porque não tem índices de produtividade em banco, supermercado, fábrica, bar, cinema, loja, etc? Porque o mercado desapropria quem não for eficiente! Na agricultura agora também é assim. Este foi um tema para meados do século passado, quando a agricultura não cumpria o papel que hoje cumpre com grande eficiência.

Chega de preconceito!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**